

O TRATAMENTO DE ASPECTOS CULTURAIS NO PROCESSO DE TRADUÇÃO: UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE *MAFALDA* DE QUINO

Maria de los Angeles de Castro BALLESTEROS¹ – UGF/UNIFAL-MG
Orientadora: Dayala VARGENS – UFRJ/GAMA FILHO
Co-orientadora: Rosângela Rodrigues BORGES – UNIFAL-MG

RESUMO

Este artigo é um recorte da pesquisa inicial para a elaboração de monografia para a obtenção do título de Especialista em Tradução (Universidade Gama Filho), sob orientação da Profa. Dayala Vargens (UFRJ). Tomando como referencial teórico a Teoria dos Polissistemas (ZOHAR, 1990) e os Estudos Descritivos da Tradução (TOURY, 1995), o objetivo principal desse trabalho é descrever as estratégias usadas pelo tradutor ao tratar de aspectos culturais em *Mafalda*, de Quino. Elucidar esta questão pode corroborar o desenvolvimento de metodologias e/ou modelos que apoiem o tradutor em situações que demandem a identificação e o tratamento de marcadores culturais de maneira sistematizada.

Palavras-chave: Estudos Descritivos da Tradução, polissistemas, marcas culturais.

RESUMEN

Este artículo es un recorte de la pesquisa inicial para el proyecto exigido para la titulación de Especialista en Traducción (Universidad Gama Filho) bajo la orientación de la profesora Dayala Vargens (UFRJ). Tomando por referencia teórica la Teoría de los Polissistemas (ZOHAR, 1990) y los Estudios Descriptivos de la Traducción (TOURY, 1995), el objetivo principal de ese trabajo es describir las estrategias que usó el traductor para tratar de aspectos culturales en *Mafalda*, Quino. Aclarar esa cuestión puede corroborar al desarrollo de metodologías y/o modelos que apoyen al traductor en situaciones que exijan la identificación y el tratamiento de marcadores culturales de forma sistematizada.

Palabras clave: Estudios Descriptivos de la Traducción, polissistemas, marcas culturales

1 Introdução: motivação e proposta de trabalho

¹delo.ballesteros@gmail.com

O presente artigo apresenta o resultado alcançado, até o momento, de uma revisão bibliográfica iniciada com o objetivo de construir um arcabouço teórico para subsidiar a pesquisa que nos move: analisar e descrever as estratégias utilizadas pelo tradutor no tratamento de marcas culturais no processo tradutório. Para essa análise, tomamos como *corpus* tiras de *Mafalda*, do escritor argentino Quino, selecionadas da coletânea *Diez años com Mafalda*, para compor o texto de partida (TP), e as tiras correspondentes na série *Mafalda 4*, traduzidas para o português por Mouzar Benedito, compondo o texto de chegada (TC), nas quais seja identificada a presença de marcas culturais.

A partir do levantamento dos procedimentos previstos no modelo de Vinay e Darbelnet, consolidados pelo processo tradutório, foi possível observar que, além de conflitos conceituais e metodológicos, com os quais se enfrentam os Estudos da Tradução como um novo campo científico², a tradução de aspectos culturais constitui um elemento de profunda complexidade agravada pela inexistência, nos preceitos metodológicos definidos no campo da tradução, de modelos que indiquem procedimentos ou aplicação de determinadas modalidades³ que garantam a tradução mais adequada para todas as situações possíveis.

A complexidade em se tratar de aspectos culturais no processo de tradução vem sendo objeto de estudo de diversos teóricos da tradução. Aubert (2006) afirma que “*toda língua é um fato cultural*” (p. 24) e aponta a identificação dos marcadores culturais como um dos problemas mais complexos e dificultosos no processo de tradução. Rosas (2003) diz que em tradução deve-se “*levar em conta, antes de mais nada, a indissociabilidade entre o elemento lingüístico e o cultural, a função do texto traduzido e o papel de intérprete que cabe ao tradutor no cumprimento de sua tarefa*”(p. 134).

Diante das afirmações desses pesquisadores, fica evidente o quanto pode ser problemático para o tradutor se deparar com marcas culturais no TP, pois de sua escolha depende a significação dada ao elemento cultural pelo leitor do TC e a transmissão

² Campo científico é entendido aqui sob a perspectiva desenvolvida por Bourdieu (1983): “O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado”. (p. 122-123)

³ Modalidade com base no modelo de Vinay e Darbelnet

adequada da “mensagem pretendida” pelo autor. A traduzibilidade de elementos culturais entre o TP e o TC em uma tradução é um tema que desperta interesse não só de estudiosos da Tradução, mas também de pesquisadores dos Estudos Culturais e da Linguística, conforme Hatim e Mason(1995) apontam:

[...] el estudio del significado era la razón de ser de la lingüística y [...] debía ser abordado en términos de “función” en “contexto”. Dicho de otro modo, el significado de una realización de habla es más bien lo que uno pretende conseguir con ella que el simple sentido de sus palabras.(HATIM; MASON, 1995 apud CINTRÃO, 2006, p. 206)

2 Marcas culturais e suas dificuldades

A primeira dificuldade encontrada para se tratar de aspectos culturais no processo de tradução, segundo Aubert (2006), tem início na identificação precisa de elementos do TP que se encontram não só na dimensão referencial das línguas, dentro do domínio da ecologia (elementos da natureza, fauna e flora), da cultura material (objetos e espaços criados pelo homem), social (relações interpessoais) e ideológica (relativo às crenças e valores)⁴, mas também em aspectos, aparentemente, restritos à dimensão gramatical, como as diferenças interlinguais na marcação de gênero, número, grau, formas de tratamento, etc.. À esses elementos, presentes no TP, conforme Aubert (2006), chamaremos de *marcadores culturais*.

Trata-se de perceber o marcador cultural não como um fato de dicionário, mas como um fato de discurso e, por isso, a análise se dá sobre termos e fases atualizados em co(n)texto. Aubert (2006) afirma que a marca cultural vincula-se à linguística externa e à situação discursiva, constituindo não um fenômeno da língua (*langue*), mas da fala (*parole*) e não de qualquer situação de fala, somente daquela que compreende um elemento de contraste ou diferenciação:

o marcador cultural não é perceptível na expressão lingüística tomada em isolamento, nem se encontra confinado dentro do seu universo discursivo original. O marcador cultural somente se torna visível (e, portanto, se atualiza) se esse discurso original (a) incorporar em si uma diferenciação ou (b) for colocado em uma situação que faça sobressair a diferenciação.(p. 33)

⁴ Modelo de NIDA, E. (1945) *Linguistics and ethnology in translation problems*. In *Word II*, citado por Aubert(2006).

Essas considerações levam a entender a marca cultural como uma marca de alteridade e, portanto, dependente do olhar do observador que tem referências (linguísticas, intertextuais e extralinguísticas) que variam em função do espaço de recepção linguístico-cultural. Configura-se assim, pela grande subjetividade, mais um dificultador para a identificação sistemática de todos os marcadores culturais para o qual, como estratégia para uma identificação mais precisa, Aubert (2006) recomenda o cotejo entre o original e a tradução. Mas, além disso, essa subjetividade interfere também na estratégia adotada durante o processo tradutório, bem como na possibilidade da não identificação da presença dessa marca cultural pelo tradutor.

Com efeito, é de se perguntar se o pesquisador tem como identificar sistematicamente todos os marcadores culturais. Por mais consciente que o pesquisador seja das questões culturais, e ainda que seja dotado de um bilingüismo e de um biculturalismo razoavelmente avançado, é quase inevitável que, no cotejo original/tradução, venha a identificar com maior clareza aqueles marcadores culturais que se sobressaem na ótica de sua cultura dominante. Assim, a percepção desses marcadores culturais terá sido feita, sem dúvida, na ótica da diferenciação, mas, muito possivelmente, pela marcação dos termos que para o pesquisador surgem como diferenciados, por tal pesquisador pertencer a outra sub-comunidade lingüística. (AUBERT, 2006, p.34)

3 Bases teóricas e metodológicas

No último século, significativas transformações, observadas nas Ciências Humanas, levaram os Estudos Culturais, noções de Alteridade e questões de Identidade a fazer parte das investigações da Linguística e da Literatura. Tais reflexões provocaram revisões teóricas e metodológicas que, no campo dos Estudos da Tradução,

tiveram como principal contribuição libertar a atividade tradutória dos ideais tradicionais de literalidade e fidelidade e, conseqüentemente, aliviar o tradutor da tarefa impossível de resgatar e preservar um suposto sentido original contido no texto. O tradutor passou a ser visto por muitos como intérprete e criador e, entende-se que seus textos são informados por seu contexto histórico, seu meio social, sua ideologia, seu inconsciente. (CARVALHO, 2005, p. 14)

Nas últimas décadas, sob nova orientação metodológica, o termo “estudos da tradução” funda uma nova disciplina que ganha, com um objeto, um corpo de

pesquisadores próprios. A Tradução, até então um ramo da Linguística ou da Literatura Comparada, adquire, assim, o *status* de campo científico para o qual se identificam duas vertentes teóricas principais: a teoria de base linguística (estruturalista) e a teoria de base textual (pós-estruturalista).

Com preceitos teóricos divergentes, observava-se a recorrência de questionamentos com relação aos conceitos de “originalidade” e “fidelidade” do texto traduzido e a (in)visibilidade do tradutor, não só por parte de alguns estudiosos, mas também por tradutores e leitores. O próprio conceito de “tradução” é conflituoso. Arrojo (1986), por exemplo, define a tradução como uma atividade extremamente complexa, pois, não basta ao tradutor conhecer a língua de chegada (LC) ou seguir algumas regras pré-estabelecidas porque estas não abrangem todas as possibilidades quando se trata de produção de significados e do confronto entre culturas diferentes. Pela perspectiva de teóricos estruturalistas, como George Mounin (1975), John Catford (1980), Erwin Theodor (1976) e Geir Campos (1987), entende-se tradução como “*compreensão, ou resgate de significados presentes em um texto emitido em uma língua e sua transposição, ou transporte para uma segunda língua.*” (RODRIGUES, 1990, p. 122)

No entanto, as mudanças trazidas pelas novas tecnologias trazem também o equilíbrio de forças. Aparentemente, vivemos “tempos de paz e maturidade”, diz Frota (2007), e o que se observa é a possibilidade de o tradutor encontrar em ambas as correntes teóricas – estruturalista e pós-estruturalista – contribuições e questionamentos que vêm ao encontro da elucidação de problemas inquietantes no processo de tradução, possibilitando superar oposições priorizando aspectos que as complementam e buscam em outros campos de estudo, como a Análise do Discurso, a História, os Estudos Literários e os Estudos Culturais, conhecimentos que propiciem subsídios para o desenvolvimento de seu trabalho.

Segundo Frota (2007), no Brasil, neste início de século, entre os estudiosos da tradução não se encontra mais a defesa absoluta da equivalência ou fidelidade perfeitas, da superioridade do texto original nem do considerar banal a atividade do tradutor. Esses estudiosos adotam os diversos referenciais teóricos e metodológicos existentes numa complementaridade que atende aos objetivos de suas pesquisas.

a virada linguística deu lugar à virada cultural; a lógica dicotômica perdeu terreno para a relativização ou gradação dos valores; as línguas se fragmentaram em formações discursivas; as contextualizações ocupam o

primeiro plano de qualquer estudo; os produtos e processos tradutórios são investigados em sua relação com os mercados e forças político-ideológicas; o universo de chegada da tradução passou a ter igual ou maior relevância que o seu universo de partida; numa incrível reversão, o original é que é devedor da tradução, que lhe expande a vida; o sujeito da razão cada vez mais sucumbe à força das pulsões e do desejo inconsciente. Pelo menos entre nós, estudiosos, nada sobrou da visão da tradução como mera cópia, substituída que foi pela noção derrideana de “transformação regulada”. (p. 154)

Seguindo a tendência a que se refere Frota (2007), em que diferentes linhas teóricas se complementam, este trabalho se apoia na Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (1990), ao entender que a questão relativa aos aspectos culturais de que trata esta pesquisa encontrará nessa abordagem contribuições pertinentes ao operar a Cultura como um grande sistema regido por um *funcionalismo dinâmico*, composto de outros sistemas inter-relacionados e independentes e influenciado por sistemas paralelos. A inter-relação entre a Teoria de Even-Zohar e a visão sistêmica da tradução, desenvolvida por Toury (1995) nos Estudos Descritivos da Tradução, vai de encontro à nossa forma de perceber a tradução por focá-la através de um viés funcionalista, no qual o foco da tradução está na língua/cultura de chegada determinada pela cultura-alvo com o objetivo de ocupar um lugar nesse sistema. (CARVALHO, 2005)

Para o estudo sistematizado do processo tradutório utilizado na tradução do *corpus* selecionado, adotaremos as modalidades de tradução adaptadas por Aubert (1998) a partir do modelo denominado procedimentos técnicos da tradução, proposto por Vinay e Darbelnet. A proposta adaptada por Aubert (1998) apresenta-se como a mais adequada visto ter como finalidade a descrição e a comparação entre o texto de partida (TP) e o texto de chegada (TC).

4 Uma lacuna para a análise dos aspectos culturais

O referencial teórico levantado até o momento, não oferece uma solução sistematizada para o tratamento dos aspectos culturais na tradução. Por esse motivo, tomando como marco teórico-metodológico as considerações de Aubert, com relação ao referente não-linguístico, acompanhando o modelo proposto por Nida (1945 apud AUBERT, 2006), foram identificados esses marcadores culturais dentro de “categorias”

baseadas na ocorrência de elementos de cada domínio (da ecologia, da cultura material, social e ideológica) ou de suas combinações, como forma de estabelecer uma referência sistêmica para o processo de identificação e tratamento dos marcadores culturais.

A partir dessa identificação, torna-se possível a análise e a descrição da estratégia utilizada pelo tradutor para o tratamento dos aspectos culturais identificados no TP, observando-se a ocorrência ou não de uma uniformidade, por parte do tradutor, ao tratar de elementos de categorias semelhantes e seu resultado no TC.

5 Reflexões finais

Como resultado, busca-se comprovar a sustentação desse marco teórico-referencial como apropriado para a aplicação nesse tipo de situação tradutória, visto ser a questão cultural, hoje, um objeto de estudo e indagação sem respostas consistentes.

A mudança de paradigma é assim sintetizada por Márcia Martins citada por Carvalho (2005):

As tradicionais preocupações essencialistas dão lugar a uma visão funcionalista, na medida em que o novo paradigma tenta explicar as estratégias textuais que determinam a forma final de uma tradução e o modo como esta funciona na literatura receptora. Procura, ainda, entender as razões que levaram o tradutor a recorrer a certas decisões e estratégias, além de chamara atenção para as condições sociohistóricas que permeiam a sua atividade oferecendo, assim, uma ideia mais clara dos mecanismos que permitem às traduções funcionarem (ou não) na cultura de recepção. Para o estudioso, o que importa é determinar o lugar que uma tradução ocupa dentro do sistema literário da língua-meta, e não mais verificar até que ponto o texto traduzido conseguiu refletir o chamado original. (MARTINS, 1999, p. 32)

Elucidar esta questão pode corroborar o desenvolvimento de metodologias e/ou modelos que apoiem o tradutor em situações que demandem a identificação e o tratamento de marcadores culturais de maneira sistematizada.

6 Referências Bibliográficas

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução*. A teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios.
- AUBERT, Francis H. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. In: *Revista de Estudos Orientais*, n.5, pp.23-36, 2006.
- BOURDIEU, P. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato(org.). *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, São Paulo:Ática, n.39, 1983.
- CARVALHO, Carolina Alfaro de. *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*. Orientadora: Maria Paula Frota. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro:PUC-Rio, Departamento de Letras, 2005.
- CINTRÃO, Heloísa Pezza. Aspectos de la variación en traducción. In: *4º Congresso Brasileiro de Hispanistas – Estudos de Linguagens – Volume II*. UERJ, 2006.
- FROTA, Maria Paula. Um balanço dos estudos da tradução no Brasil. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v.1, n.19, 2007.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução: teorias e contrastes In: *Alfa*, São Paulo, vol.34, pp. 121-128, 1990.
- ROSAS, Marta. Por uma teoria da tradução do humor. In: *D.E.L.T.A.*, 19: especial, pp. 133-161, 2003.
- QUINO. *Diez años con Mafalda*. 23 ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2008.
- _____. Mafalda 4. Trad.: Mouzar Benedito. São Paulo:Global Editora e Distribuidora LTDA., 1982.